

PEDREGULHO

poema na prática

antologia 2026





poema na prática

em processo
em criação
em movimento



© 2026, várias autoras
© 2026, Editora Pedregulho
www.editorapedregulho.com.br
Primeira edição: julho de 2026

Todos os direitos reservados e protegidos
pela lei nº 9610/98. é proibida a reprodução
total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
este livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Impresso no Brasil

ISBN: 978-65-6098-078-5

Projeto gráfico, foto da capa,
capa e editoração eletrônica
MARÍLIA CARREIRO | @mariliacafe

Produtora executiva
THALIA PEÇANHA | @comthalia

Assistente de Produção
RUTH RANGEL | @rtleas

Antes do poema

Há uma pergunta que costuma aparecer sempre que um livro coletivo chega às mãos de alguém: onde ele começou?

A resposta mais simples seria dizer que começou nos encontros realizados ao longo do projeto **poema na prática**. Nas leituras compartilhadas, nos exercícios de escrita, nas conversas, nas devolutivas e nos processos de edição que atravessaram este trabalho.

Mas a verdade é que este livro começou no instante em que cada uma das autoras aqui presentes decidiu prestar atenção em alguma coisa. Uma lembrança. Uma ausência. Uma paisagem. Uma inquietação. Um afeto. Uma frase que insistia em permanecer.

Todo poema nasce, de algum modo, do gesto inaugural de atenção.

Nos encontros, foi possível perceber que a escrita raramente se apresenta como um acontecimento repentino. Ela costuma surgir em camadas. Primeiro como pergunta. Depois como tentativa. Em seguida como revisão. Mais tarde como descoberta. O texto que chega ao leitor é apenas a parte visível de um percurso muito mais amplo, feito de desvios, interrupções, recomeços, insistências e permanências.

Esta coletânea não é apenas o resultado de uma oficina de escrita, é também um arquivo de processos. Cada texto carrega marcas de um caminho singular. Há escritos que nasceram rapidamente, num impulso. Outros exigiram algumas versões até encontrarem sua forma. Alguns partiram de experiências íntimas. Outros se aproximaram da observação do mundo, da memória coletiva, da fabulação ou do exercício da linguagem. Em comum, todos compartilham a coragem de permanecer diante da página por tempo suficiente para descobrir o que ainda não estava claro.

Durante a parte do acompanhamento editorial, uma das coisas que mais me interessou foi observar a diversidade dessas

trajetórias. Em uma cultura frequentemente atravessada pela urgência da produtividade e da exposição, dedicar tempo à construção de uma linguagem própria pode parecer um gesto discreto. Mas talvez seja justamente o contrário.

Escrever é uma forma de reivindicar presença.

Cada vez que uma pessoa escreve, organiza sua experiência em linguagem e a oferece ao mundo, algo se desloca. Não porque toda escrita precise ser autobiográfica ou confessional, mas porque toda escrita nasce de um corpo situado no tempo, na história e na realidade. Mesmo quando inventa, a literatura carrega vestígios de quem a produz.

Por isso, desde o início, o **poema na prática** foi pensado não apenas como um espaço de aprendizado técnico, mas como um espaço de elaboração. Um lugar onde a leitura pudesse conviver com a experimentação, onde o erro não fosse um obstáculo, mas parte do processo, e onde cada escritora pudesse investigar as possibilidades da própria voz.

A ideia de voz, aliás, costuma ser mal compreendida. Frequentemente imaginamos que encontrar uma voz significa descobrir uma identidade estável, uma marca definitiva ou uma assinatura imediatamente reconhecível. A experiência destes encontros apontou para outra direção. A voz literária parece menos uma descoberta e mais uma construção contínua. Ela muda. Contradiz a si mesma. Se expande. Se torna mais complexa à medida que a escrita avança.

A poesia, aqui, tem múltiplas possibilidades. Neste livro convivem diferentes ritmos, temas, procedimentos e sensibilidades. Há poemas que se aproximam da narrativa. Outros que trabalham a condensação. Há textos voltados para a memória, para os afetos, para a observação do cotidiano, para a imaginação e para a investigação da própria linguagem. Em vez de uma unidade formal, o que une estas páginas é uma disposição comum para a escuta e para a experimentação.

Como editora, estou acostumada a acompanhar livros desde o início, em sua forma *bruta* até quando eles já estão próximos de sua forma final e vão para a impressão. Alguns

manuscritos, nesse caminho, chegam com boa parte de suas decisões tomadas. Neste projeto, porém, tive o privilégio de acompanhar algo mais raro: o momento em que os textos ainda estavam se tornando, nascendo de anotações breves. Imagens se transformando em estruturas inteiras. Dúvidas produzindo soluções inesperadas. Autoras reconhecendo, muitas vezes pela primeira vez, a força daquilo que estavam escrevendo.

Este livro é, acima de tudo, um registro temporal dessa transformação, da transformação dos textos e do que acontece quando alguém compreende que sua escrita merece ocupar espaço. As páginas que seguem são resultado de uma travessia coletiva. Elas guardam encontros, leituras, conversas, reescritas, descobertas e muitas horas dedicadas ao trabalho silencioso da linguagem. Mas pertencem, sobretudo, às autoras que aceitaram o desafio de permanecer diante da página e escutar o que seus poemas tinham a dizer.

Que esta leitura possa ampliar essa conversa. E que os textos aqui reunidos continuem encontrando novos corpos, novos olhos e novos modos de existir no mundo.

Marília Carreiro
Editora Pedregulho

As autoras:

12	Adriane Nunes
16	Aline Dias
18	Amanda Ferraz
22	Ana Carolina
26	Ana Ni
30	Angela Rodrigues
36	Ana Carolina P. Oliveira
40	Bianca Barros
46	Carla Guerson
48	Danieli Borgoni
52	Gabriele Borges
58	Gaby Minchio
62	Karolina Garcia
66	Lais Rocio
72	Mara Coradello
76	Mayara Maria
80	Nathalia Scardua
84	Tamires Tosi Gêra
90	Yasmin Cerqueira
94	Zina Leal

Os poemas coletivos:

10/11, 29, 35, 39, 45, 56

na
prática

O que é um poema?

Um poema é um acidente
É matar o que sente
Vomitare pelos dedos

Um poema é catarse
Transbordar-se
Sensibilidade
Palavrear o sentir

Um poema é mente em movimento
Travessia
Imagem
Memória
Construção

É perigoso

Um poema é trauma
É fluidez de emoção
Folha rasgada
Traduzir os sentidos
Forçar o crescer
Uma saudade escrita

Poema é brincar
É o gosto do olhar
Identificar o nada
e nomear

Conversar consigo mesma
Morrer e ressuscitar
Despir-se
Desabar

É o inconsciente do consciente
Orgasmo da mente
Carnaval na semana santa

Rasgar o verbo
Alucinar
Gozar sem se tocar

É nostalgia, é amor
Improviso controlado
Encruzilhada
Despir-se e entregar-se a si mesma
Um poema é sexo



Adriane Nunes é capixaba, mestranda na área da Educação e professora da rede pública de educação básica do estado do ES, com a qual mantém um relacionamento sério há 25 anos. Em flerte eterno com a escrita e o cinema, atua como educadora, cineclubista e criativa em atividades de moda circular. Acredita na poesia como uma forma de olhar, sentir e reinventar o mundo. Por meio do Brechó Baú de Família, também constrói caminhos de sustentabilidade, afeto e criatividade no cotidiano.

Eu e Minha Mãe

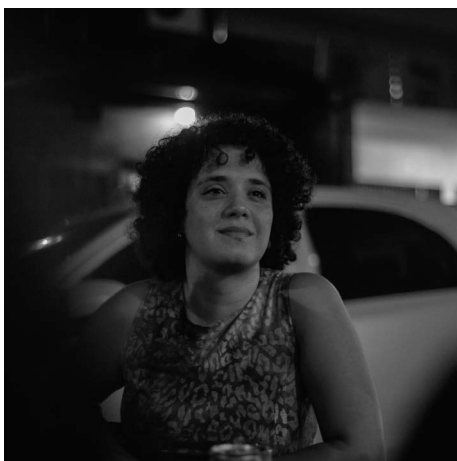
Falando da lua mãe,
Falei de nós e vi você em mim
Falando de nós, mãe,
Desenhei nossa história e te reconheci no caminho
Vendo você, mãe,
Me enxerguei em sóis e revi o passado e o hoje aqui
Me vendo em ti, mãe,
Vi a lua, vi o sol
Vi a mim e vi você,
Presentes dentro de mim, pra sempre.

E qual seria o nome dela?

O nome dela é coração, veias, sangue, ritmo e canção de vida...
Sua cor o marrom, como a pele sua, cheiro, cor de chão e de céu nublado
Esperando chuva que lavará a poeira de suas incertezas
Ela queria ser gata, porque inveja seus gatos e eles são três:
Ternura, coragem e escuridão.
Ela sente o cheiro do mar e ele lembra o sal do suor do seu corpo,
A leveza dos seus sonhos e o mistério do seu futuro.
Ela tem medo de não amar,
Pois o amor está por todo o seu corpo,
Como água que é quase tudo e a faz inteira,
Porque se não fosse, estaria seca.
Ela coleciona coisas que gosta,
livros, garrafas e guitarras, tudo em quantidade,
Palavras, líquido e som.
Ela ama seus meninos,
um é lua e o outro estrela,
são seus mas são do mundo.
E assim crescem, vão e vêm, homens, abraços e solidão
Ser bailarina foi seu desejo, sonho, vontade tentada até hoje
Ela não conta seus segredos nem pra si, mas confessa que sua música,
Acorde que pulsa e vibra em corpo e coração de rainha bailarina
é Dancing Queen.

Um dia, para sempre, em algum lugar

Dentro de mim há um sussurro longe, quase silencioso...
Intensidade presente e ausente, que me fala sobre possibilidades
de duas existências,
Em uma frequência harmoniosa e límpida, real e audível.
Como uma nota musical que compõe a existência da melodia
perfeita,
Gerando naturalmente uma conexão quase perceptível entre
duas almas,
Feitas do mesmo átomo, do mesmo carbono, poeira de estrelas
que nunca se tornarão supernovas, por que?
Porque serão eternas aqui e no universo.
Sinto um frio na espinha, um arrepio no corpo...
Uma sensação de que em algum lugar da esfera abaulada e azul,
Existe um alguém feito da mesma essência que a minha,
Do mesmo sopro de poesia, coragem e fome de mundo.
Quase vejo o nosso encontro, não sei se sonhando ou acordada,
Mas vejo nossos corpos, suspiros e sorrisos
Algum dia, pra sempre, em algum lugar.



Aline Dias é escritora e jornalista. Nasceu em Cachoeiro de Itapemirim e publicou oito livros. Escreve prosa, verso e dramaturgia. Seus livros mais recentes são: Suja (poesia - 2024), Bagunça, (romance - 2025) e O Roubo do Sol (infantil - 2025). Ganhou o Prêmio Ufes de Literatura em 2010 e foi finalista do prêmio Escrevíveis em 2025. Tem uma coluna de crônicas no VixFeed.

Nós, poetas

Achei que por cantar sofrendo
eu era passarinha

Mas passarinho só canta com saúde
quem canta em perigo é galinha

Então sou um misto de aves
vôo um pouco
cacarejo outro pouco

e que poeta não é uma galinha que voa torcendo pros ovos
quebrarem na cabeça de alguém?



Amanda Ferraz descobriu cedo o poder das palavras. Desde bem menina escreve para tentar tornar real aquilo que só pensa (em voz baixa). Seus escritos permitem que “sinta para fora” o que sempre morou em sua cabeça. É formada em Letras, mas se existisse faculdade de palavras, teria se matriculado no curso. Os textos publicados nesta coletânea fazem parte de sua primeira publicação oficial.

Todas as coisas que nunca te disse

- Que roubei uma bala certa vez
- E matei uma aula na 7ª série
- Eu era apaixonada por aquela amiga que sempre dormia lá em casa
- E ela partiu meu coração
- Que aquela vez você me magoou
- E eu queria o seu perdão
- Ainda chamo a sua casa de nossa
- Escuto as musicas que me lembram você
- Que queria que a sua casa ainda fosse nossa
- Não vou saber viver sem você
- Que tenho que medo da (sua) partida
- E que sou sua filha.

escrever sempre me retorna à infância, quando eu ainda não
sabia escrever, só inventar
ler o que escrevo sempre me retorna ao futuro, quando eu já
não sei mais escrever, só imitar

nova lista das grandes dores:

- corte com faca profundo
- dente doendo no frio
- dentista pra tratar o dente que dói
- minha mãe quando me vira as costas
- queimadura na mão
- ser chamada de louca
- 1, 2, 3 e incontáveis porradas no rosto que você não se moveu pra impedir
- ter que repetir 1, 2 e 3 vezes quem causou todas as cicatrizes
- nunca ouvir um pedido desculpas
- sangrar pelo seu próprio sangue
- viver sem saber onde vai passar a próxima noite.
- viver longe de quem se ama, apenas para sobreviver
- incontáveis porradas no rosto (outra vez)
- nunca poder contar isso pra ninguém
- dor no ciático.



Ana Carolina Rodrigues é mulher negra, candomblecista, mãe solo, advogada e ativista dos Direitos Humanos. Tem predileção pela literatura, participa de clubes literários e escreve poemas nas horas não tão vagas.

Graduada em Direito pela Faculdade Multivix de Vitória/ES e especialista Lato Sensu em Advocacia Empresarial pela Universidade Católica de Joinville/SC, acredita que, para transformarmos o mundo, devemos nos mover — ainda que individualmente — em busca de um propósito coletivo. Esse ideal atravessa sua atuação técnica e sua presença em espaços culturais e comunitários.

Onça

Indefinida
É e se faz livre
Benze seu Ori com alfazema.
É aos Pretos Velhos que pede licença
Por ela e por seu legado.

Força pulsante.
É vermelha: cor de fogo, lutas e ideais
Ela é muitas. Complexa, intensa
Liberdade indomável com olhos sedutores.

Mas não se engane.
As pintas na derme entregam a raiva incontida
É onça.
É Ana, mas poderia ser Dandara.

Obá

Governante, caçadora e feminista.
Guardiã do lado esquerdo.
O seu exército foi conclamado. Elékò se levanta para reverenciá-la.
Alfange, Ofá e escudos no chão.
Abram passagem: a rainha está em terra.

Coragem acompanha o nome da Deusa do Amor.
Entrega o coração de bandeja, como quem oferece a orelha
em banquete.
Afeto desmedido que transborda e deságua feito pororoca.

Deusa do Ébano,
Beligerante e amorosa.
Vermelho é a cor do sangue: dos seus inimigos e desamores.
Sua fama percorre os corredores de Oyó.

Liberdade é seu destino.
Destemida, enfrenta as decepções com peitaça de cobre.
Não se rende ao patriarcado.
Todos reconhecem o axé da grande Ìyálodè.
Obá Xirê!

Errante

Deitada no chão frio,
Me debrucei em silêncio.

Memórias vagavam livremente
Como um bom perfume que invade o olfato.

Retornei no tempo
Reescrevendo, com precisão, cada palavra
Ação
Emoção.

Me despedi das expectativas
Como uma criança pronta para o desmame.

Já aquecida
E segura de minha própria independência
Levantei e segui,
Errante.



Ana Ni é livreira e artista gráfica, entre outros ofícios. Escrevedora de coisas, leitora voraz, observadora de detalhes. Um caos contido.

No topo da construção descaracterizada
num bairro-centro perdido em seus tempos
se ergue sólido o pequeno detalhe.

Firula arquitetônica em forma de gota pousada
faz graça aos passantes - poucos
que se dispõem a notá-la
em meio aos seus vaivéns
Nas madrugadas, disputada por seres voadores
mal se distingue entre céu, parede e prédio.

A coisa, que persiste em sua discrição,
tem sua importância
símbolo da atenção das que raramente encaram
olhos no céu
olhos no chão
de manhãs calçadas

Cansados rolos compressores
esmagam caminhos
achatam os dias.

São livres os pombos e os morcegos.

Essas ganas nunca contentes

atortentam. bicam. empurram.

bicam.

Teimam desejos de bicho furtivo.

Ganas de outros lugares onde outras ela,
ainda ela.

Onde praias de pedra e vento

onde mundos inventados e secretos

onde brechas num fundo escuro teimem

café, fumaça, sal e suor

e ganas.

A palavra caminhou até mim
Deu-me a mão
E deitamos.

Haja luz
E a palavra se fez verbo.

Ela acariciou-me a pele
Expurgou os meus sentimentos em forma de arrepio,
Massageou minhas mãos,
Colocou escritas em meus dedos
E beijou-me carinhosamente
Fazendo-me falar sobre mim.

A palavra levou-me para um mergulho no mar.
Mar
Imensidão de mim.
Quase me afoguei
E ela me salvou
A palavra me ensinou a soltar.

A palavra faz o que quer.

Amanda Ferraz, Adriane Nunes,
Ana Carolina Rodrigues, Gaby Minchio



Angela Rodrigues é administradora, assistente de produção cultural, atriz, poeta, dançarina afro, cantora, compositora, pós graduada em Arteterapia, cofundadora da Afronta Cia de Expressões Artísticas de Mulheres Negras, ex-vocalista da Banda Aquimistas e do bloco Batuqrellas, dançarina e atriz nos teasers do Coletivo Afro-Tons, atriz no clipe da música “Pode Crer” de Ada Koffi, atriz no clipe da música “Tempo de Nanã”, de Lets Chaves, participação do audiovisual do solo “O som do meu silêncio” de Luciene Carmargo/Alma Bucólica, atriz no filme a “Hora Dourada”, de Juane Vaillant, escritora na coletânea “De Zacimbas a Suelys”, do Coletivo Afro-Tons.

Garganta

A solidão aperta o peito na floresta vazia,
deixei o vento, a ventania, a vertigem,
Deixei as folhas secas caídas ao chão
A grama sem vida completa a paisagem

O orvalho da noite goteja
sobre as lamparinas acesas nos nichos
a penumbra cinzenta se esconde
por trás da lua que alumia o mar

O brilho da noite disfarça a penumbra
O mar promove encontros
Águas salgadas removem dormência
As águas doces renovam a alma

A brisa sussurra paixão
criando poesia,
Palavra em transe
Mergulhando canções

Mas afinal quem sou eu?
Sou eu melancolia?
Ebulição dos próprios sentimentos?
Ou distonia da minha semântica?

Sou sol que queima pele em dias de chuva
Melancolia tecendo canção
tragédia de beira de estrada
refluxo de um coração

Sou oração sem palavras
Pétala rude caída no chão
Flor desfalecida
Espinho cravado sem compaixão

Sou a escrita insana de domingo
O poema trocado por conto
O desejo estampado no verbo
O compasso trocado nos pés

Mãe Ana

Ainda vejo o retrato, a cena.

Me pergunto se foi real. Sua vida foi tão cheia de sobressaltos. Sofreu, mas também alcançou inúmeras vitórias. Agora contempla o seu fim de forma tão precária.

Acometida por uma dor tão intensa de um câncer que retoma com mais força. Nada mais poderia ser feito a não ser estar diante dos cuidados do doutor Nelson, o mesmo nome do seu primogênito, a quem ela tanto protegia e cuidava com um amor incondicional.

Ela veio a mim em seus últimos dias de vida, ainda hospitalizada, me contar que teve um sonho tão significativo e puro que desmontei.

“Eu sonhei que eu chegava em um lugar tão limpo, lá encontrei várias coroas, uma mais linda que a outra e alguém todo de branco olhou para mim com tanto carinho e disse: pega, uma dessas é sua, pode escolher”.

Eu chorei por dentro para não deixar minhas lágrimas caírem.

Ventania

É Ventania que avisto de longe antes de chegar.

Ela vem toda formosa.

Um vestido azul feito céu, feito mar, feito Iemanjá. Enquanto caminha, o vento faz movimentos sobre as camadas soltas verticais que se formavam ao redor da saia do seu vestido.

Ventania parecia pintura viva, sua pele preta refletida no sol me fazia admirar ainda mais as curvas do seu corpo.

Ventania era feito águia, dona de uma força divina e de uma sabedoria que vinha além da ancestralidade, seus olhos cor de mel sempre me fitavam quando eu não estava bem. Ela enxergava minha alma, meu ser. Me fazia entender que a vida é como se fosse um embalo de uma dança e que eu decidia em qual ritmo deveria dançar; que, nessa dança, não é permitido parar; que a coreografia, os movimentos, poderiam mudar, mas a dança precisava continuar.

Eu fiquei ali pensando em Ventania enquanto ela caminhava. Lembrei que quando a conheci ela tinha um cheiro peculiar porque era um cheiro de casa de vó. Era erva-doce. O cheiro que marcava a sua presença da forma mágica de chegar nos lugares. Eu conheci Ventania em Paraty. Ela sempre veste azul nas ocasiões especiais. Seu cabelo encaracolado até a altura do ombro destacava e completava o cenário da beleza estonteante. Me apaixonei pela presença, pelo cheiro, antes mesmo dela sorrir pra mim.

Fiquei ali, perdida nos meus pensamentos, quando de repente ouvi sua voz me chamando para realidade:

— Bom dia!

Eu suspirei e respondi:

— Bom dia, meu amor!

Navalha

Me mordeu
Mordida na língua sem disfarce
Gosto amargo de decepção
Rasgou meu coração

Ferida aberta
De cor vermelho ela surgiu
Vermelho rebu
Como um fogo interno me consumiu

Chorei
Gritei
Cortei
Gargalhei

Raiva!

Revira a vida de quem sente
Lança o caos em toda gente
Quebra brusca de corrente

Angela Rodrigues, Karolina Garcia,
Lais Rocio, Mayara Maria



Anna Carolina P. Oliveira faz das palavras ferramenta. Psicóloga e Terapeuta Expressiva, investiga processos criativos na arte e no corpo como recursos de (sobre)viver. Para ela, escrever é respiro e fazer poesia é dar ritmo à vida.

Intuição

Eu me demoro
com os espasmos
que o tempo dá

no espaço
onde o ritmo apetece

com o escárnio
que a rima faz

Me demoro
nos escassos
ruídos que invento

no espanto
do que esvai

no estorno
da palavra que não sai

na escuta
do que fica escoando
dentro

Mergulho

A memória é mar
onde segredo afunda

Gosto de sal
de limo
Polvo
Pele coral

Corpo que arde
Escama de rio
afoga

Medo
Ninguém murmura
Susurra

Lembrar inspira
Grita
Respira
Nadar

A semana me engoliu

A segunda acorda
com a agenda na mão
Minha cabeça ao vento

A terça passa

A quarta me funde no meio do caminho
distante dos extremos
Dia sem saída

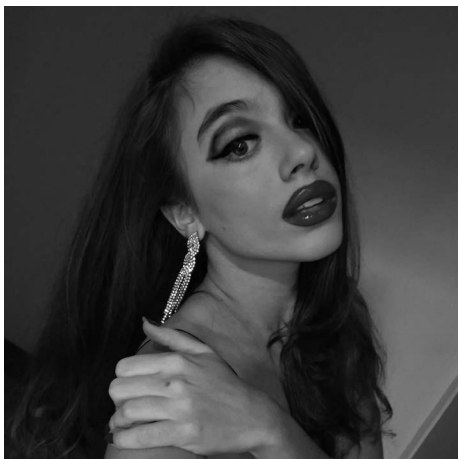
Chega a quinta
Tranquila e passageira

A sexta, triunfante
Cheia de promessas
Sesta longa de sonhos
Merece mais
Mereço mais

O sábado aproveita
O domingo descansa
Elas só se cansam
Também nas pausas
Também nos dias santos

A semana se engoliu

Ana Ni, Nathalia Scardua, Zina Leal



Bianca Barros é escritora e artista visual nascida em Vitória, Espírito Santo. Graduanda em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), desenvolve trabalhos que transitam entre a palavra, o desenho e a pintura. É autora de *Caixa de Pandora* (2023), sua coletânea poética de estreia, e participa de antologias dedicadas à poesia contemporânea.

onde restam migalhas

instâncias de tom
dopado
roxo
– saio
e porque
guardo histórias
elas grudam-se
às faces

polpa
em volume
[estraga]
dá pitaco, preenche
sombra como estômago
faz desta imagem solta
meu regalo

[engasga]
entrecortada
roxa
dopada

é o som
do estouro
que deixo
lar-veia-corpo
morada

que está
visível só
de costas
que ficou
passada

leitura de mãos

era-me comum estancar excessos
às vistas das janelas
onde os silenciosos tesouros
enquadram-se para mim
onde a mim, do mundo
em parapeito
regresso

para ti era
também assim
nos comungamos sozinhos
em conjunta prece
estou sozinho
com o teu calo ardido
vejo tudo, agora
somente sob
estas palmas quentes
como teto

vejo-te ainda
sozinho, irrequieto
falar comigo
em nosso bem-comum
aturdido
na distância entre nossos
olhares
que, agregados
estendem
toda a camada
terrestre
se de meu quadro
toda a luz, enfim
escorresse
procuraria-a

em nosso segredo
em nosso cerne
de mãos conjuntas
lábios salgados
de sede

na estrela-guia
de seus dedos
o Norte não
aponta mais
enquadrado
é meu mundo
sem o norte

apagam-se
sem teu silêncio
que morava nele
todo o doce peso
tangível, penitente culpa
somem todos
os segredos

mulher vazia

completo

e
s
g
o
t
a
m
e
n
t
o

é a esclera
de Deus
quando está
sozinho.

Não ponho a língua no fogo

Palavra foice
Virou
Lambeu o sangue
do corte no dedo

língua

Língua que incorpora o
além-olhar
esqueleto de deus
para plantar-se na gente

bendita seja a língua
fruto do vosso ventre

Língua insana
arranha a carne
do silêncio
escancara
estanca
escarra

(na sua cara)

Língua que enfeitiça
e amarra
destrói sentimento

Língua dilacera
resseca quando
sente medo
aperta quando
sente raiva
a língua enrola
e engasga

Na cadeia alimentar
a língua mora em mim
e me mata

[mal-dita
desgraçada]

Anna Carolina Penha de Oliveira, Bianca Gomes Barros
Tamires Tosi Gêra, Yasmim Cerqueira



Carla Guerson é capixaba, natural de Vitória/ES, onde reside. É autora dos livros *O som do tapa* (contos, 2021), *Fogo de Palha* (poesia, 2022), *Todo mundo tem mãe, Catarina* (romance, 2024) e *Ninguém me obedece, muito menos eu* (Poesia, 2025). É mediadora de clubes de leitura, ministra oficinas de escrita criativa e apresenta o programa *Marca Texto*, na Rádio ES FM.

eu preciso de mais

preciso saber o que você
não conta
preciso saber o que você apronta
o que pensa e faz
quando ninguém vê
o que não admite
nem pra você
aquele assunto sobre o qual prefere
não comentar

eu preciso de mais

preciso saber a hora
em que você acorda
o que sonha nas noites
mal dormidas
o que passa naquelas madrugadas
em que se descobre insone
e mortal

eu preciso de mais

preciso de você por inteiro
preciso de você pelo
avesso
preciso ver o que tem por trás
o que permanece
apesar de
por causa de

preciso saber
o que te faz
você



Danieli Borgoni é atriz, arte-educadora e multiartista capixaba, atua há mais de 14 anos como integrante do Grupo Vira Lata e é professora de Artes na rede pública de ensino. Sua relação com a poesia atravessa a escrita, a performance, a produção de fanzines e a criação de espetáculos que articulam literatura, movimento e experiências sensoriais. Publicou o poema “Quando as peles se encontram, os corpos dançam através da água” na antologia Poetize (2021) e foi vencedora do prêmio de Melhor Interpretação no 2º Festival Nacional Newton Braga de Poesia Falada, com a declamação do poema “Terceira Pessoa”, de Daniela Dias. É autora dos fanzines artesanais Olhos de Papel e Olhos às Avestas.

Cá estou num poema

Quando os olhos se arregalam para os dias
O sol tateia a rotina, a pupila se abre como janela
Cadeiras espreitam noite adentro, não dorme, nem acorda.

Tenho visto olhos que falam e tateiam a prosa, palavras
Retinas, cortinas, rotinas.

Todo poema está lacrado, na língua avulsa
Tímida, rígida e expansiva.
Sons de automóveis tateiam a lembrança em autorretratos

Há um sarau deitado nas páginas
Há papéis deitados nas mãos, de costas para o tempo
A palavra no ventre da vida
No entre do acorde,

O som restringe a oração em papel
É imagem na silhueta que a luz derrete
Tem líquidos ressoando na ponta da caneta
Os fios dos cílios piscando como postes

Há segredos nos silêncios digestivos
Sinestesia em Ressonância
Há um sol na Palavra.

Cartas de Domingos

Amigo Leitor (@), esta singela carta tem como assunto principal o tato das palavras. Convido você a escutar as teclas de uma antiga máquina de escrever posicionada sobre uma cabeceira acima de um chão de madeira. O tilintar do vento de outono/inverno beirando a janela já balbucia sobre as cortinas. Em poucas horas, uma outra poetisa com lábios de café lerá esta pequena missiva e depois ou entre os teus olhos também verás.

Com isso pego cada letra e vírgula como um aquecido tecido, que cobre a carne e esquento com o próprio calor que é EsCre“Ver”.

Tatear palavras com os olhos é exercício para fora.
Círculos, cíclicas, hoje água,
Maré, chuva e saliva.

Sons de canetas apertando o papel
Bordando poemas musicais
Contornando o corpo
Como as ondas do mar que banham fora o que mora dentro

Lágrimas, antes chuva, são imagens possíveis.
Poesia é alma de uma mulher desobediente!
Temperos, temperaturas, ruídos, ranhuras.

Infância, a menina dos olhos que hoje deita na pupila
com seus cadernos vivendo o entre,
Estado de poesia é estar
Se entregar, se despir, despertar.

Tatear o tempo no duo de um corpo inteiro.
Ser Selvática em estado de poesia.

Caminhar nas encruzilhadas dos encontros encantarias
Os sons narram histórias de silêncios que cantam
Silêncio também é palavra!

Cartas, ter o sol na ponta de um leque é uma escrita de si
Janelas, um amor confessável; Vagalumes, um lugar onde estive
A linha do trem desenha numa carta de tarot que eu nunca vi,
farol e malas, observar vendo o tempo escorrendo nos dedos.

A poesia sentada na cadeira do café, as palavras pelo corpo,
quando o mundo lá fora dança. Sinto sua respiração que
dilatava no papel.
Lamparina acesa, o cheiro de querosene e estou quase
findando esta carta

Desejo a ti uma canção para te acompanhar,
Ela tinha os olhos atentos e guardava tudo por dentro,
Assim como um corte singelo dentro de uma fotografia.
Aqui me despeço e deixo na tinta do papel que marca esta carta
Tal como as linhas que abraçam as tuas mãos.



Gabriele Borges nasceu em Cachoeiras de Macacu, no interior do Rio de Janeiro. Desde cedo, encontrou na literatura e na poesia um espaço de sensibilidade, reflexão e criação. Aos 24 anos, cursa Psicologia e faz da escrita uma forma de investigar e expressar as complexidades da vida e dos afetos. Acredita que a Psicologia e a literatura compartilham um mesmo gesto: acolher histórias e iluminar aquilo que nos constitui.

Refaço caminhos da memória

Refaço caminhos da memória,
entre aquilo que fui
e o que ainda tento acertar.

Recolho nomes esquecidos
nas dobras do tempo,
como quem costura
a própria pele.

Herdei nomes.
Herdei silêncios.

Herdei também
aquilo que partiu
e aquilo que permaneceu
em mim.

Pouco a pouco,
me desfaço.

Não fui a mesma.

Tornei-me outra.
Fui outra.
Outra vez.
De novo.

E, ainda assim,
permaneço.

Subsistindo.
Existindo
em algum lugar
entre a lembrança
e o esquecimento.

Matéria própria,
refeita de começos.

Carrego em mim
todas as mulheres
que precisei abandonar
para chegar até aqui.

E sigo,
não em busca de quem fui,
mas daquela
que ainda aprende
a nascer.

Aurora

Aurora,
fruto maduro que espera
o molhado das folhas,
a mata fechada,
o silêncio que faz cerrar os olhos.

Ela espera.

Sente o cheiro da chuva,
da terra revolvida,
da presa.

Aurora,
onça ligeira,
conhece o tempo
e sabe o instante de saltar.

Mas tem pressa de quê, Aurora?

Tem medo de quê?

Do tempo fechar?
Da noite chegar?
Do caminho desaparecer?
Ou do não saber?

Aurora agarra o tempo
como quem prende uma presa:
finca os dentes,
não deixa escapar.

Ela morde.

Saboreia.

Demora-se no gosto
como quem conhece a fome
desde antes do primeiro rugido.

Tem fome de quê, Aurora?

Da carne?

Da vida?

Ou dessa manhã que insiste em nascer
antes que você aprenda
a esperar?

Sonho e o redemoinho de linhas

O sonho acordou minha vontade de amanhecer
Tomou um café, me pediu para escrever

Acordou as pilastras do meu futuro
Acordou um querubim agitado e ele
Tinha um sol no meio do peito

O sonho acordou e me entregou o último telegrama
O sonho acordou
e matou a morte do meu desejo,
que insiste em ficar

O sonho acordou
a saudade e saímos para caminhar.

Andança infinita que é sonhar...

O sonho acordou o Ícaro com suas asas ao sol
Acordou Penélope do redemoinho de linhos
Espreitou Perséfone com seus lírios infindos.

Mara Coradello, Gabi Borges, Danieli Borgoni



Gaby Minchio nasceu no interior do Espírito Santo e cresceu em Ibirapu. Formada em Jornalismo, encontrou no jornalismo literário uma primeira aproximação com a escrita, área em que desenvolveu seu primeiro livro-reportagem. Mais tarde, especializou-se em Escrita Criativa pela PUC-Rio, aprofundando sua relação com a literatura e a construção de narrativas. Hoje, atua na área de negócios e segue explorando a escrita como forma de encontro, investigação e criação, transitando entre memórias, afetos e as “mentiras sinceras” da autoficção.

Corpo d'água

Sobre a ilha, um copo meio cheio se esvazia.
Em busca da ejeção de seus fluidos, junto ao copo,
Corpos jovens se friccionam
Mal se conhecem
Já moram juntos.
Se cruzaram e se cruzam
Procurando comum.

Pais unidos por desilusão recente
Litígio.

Deságuam o corpo
Salgam a pele
O copo esvazia
O corpo transborda
Ressoam.

O copo cai
Quebra
Os olhos se abrem
Os corpos se separam

“O que é isso aqui?”

Por que

Quando você vem querendo ficar
No seu tempo
Me adequo
Revoltante por ceder mais uma vez

Porque

Quando fui e quis
Sem saber o quê
Você não soube

Por que quando eu quis

No meu tempo
A surpresa travou-te
Por tempos

Porque

Quando não mais quis
Você veio me fazendo querer
O seu ficar
Novamente.

Sem motivações fundamentadas, Isabel enfrentou quatro horas de estrada para retomar à cidade natal naquele feriado santo. Acordou antes de sua avó e foi perambular pelos matos de seu interior. Saiu sem um rumo exato. Levou apenas as chaves do carro, a roupa que a protegia e uma garrafa d'água. No topo do morro, percebeu que sua ideia não era nada inovadora, já que havia um grupo de pessoas a passeio por ali também. O vento forte fazia seu casaco querer escapar do corpo e levá-la ao precipício que a cercava. Se fossem outros tempos, não pensaria duas vezes em ceder ao impulso. Mas outro ímpeto a percorreu. Hesitou por alguns segundos e se achou invisível àqueles olhos. Não quis reconhecer ninguém, mas nem ela mesma se reconhecia. Não houve sequer algum dia em que isso ocorrera. E talvez fosse essa a justificativa de sair sem pensar. Fosse de casa, da capital para o interior, ou para chegar ali naquele topo. Pelo aumento dos batimentos acusados por aquele objeto irritante em seu pulso, ela sabia que, se não o fizesse naquele momento, seria enterrado dentro de si, junto a um tanto de coisas que a inflavam. Isabel então berrou tão alto que seu café com bolo de laranja jorraram para fora de seu corpo, junto a tudo que guardara de si. Com o reverberar daquele som, todos direcionaram seus olhares para o ponto rosa esvoaçante sumindo na direção contrária a que estavam.

“Era a Isabel?”, perguntou alguém.



Karolina Garcia nasceu e cresceu em Vitória, Espírito Santo. Formada em Letras-Inglês, escreve desde a infância, quando uma professora lhe disse que não parasse de escrever. Ela não parou. Desde então, encontra na escrita uma forma de observar, registrar e reinventar as experiências que a atravessam.

Observações

Escuta música como se visse cores
e movimentos das notas formando os acordes.

Não se preocupa com o que os outros estão pensando
porque o pão de cada dia não lhe aparece na mesa
como aparecem facilmente na mente as palavras.

Bebe café todos os dias pela manhã.

Olha para o nada e enxerga tudo ao mesmo tempo.
Compreende assim alguma coisa que não pode ser escrita,
ou pelo menos não ainda, e segue matando leões invisíveis.

Fala muito ou pouco, depende do dia, da lua, e
de com quem ou pra que. Mas nunca soube dizer
qualquer coisa só por dizer.

Gosta da companhia da natureza.

As matas, os bichos e as águas.
Aprecia e respeita o tempo com eles,
pois ensinam muitas coisas sem dizer nada.
Sempre estão presentes mesmo diante de uma encruzilhada.

Desague

Te encontrar é correr para abraçar a imensidão
como quem corre para a beira de um rio de águas fortes
e urgentes
e não encontrando outra vontade dentro de si,
mergulha.

Só porque sim. Só porque quer desaguar tudo no encontro.
Molhar tudo que habita.
Encontrar a si em meio à correnteza...
Submergir em águas profundas que fazem esquecer
absolutamente tudo, exceto como nadar.

Nado seguindo o fluxo das águas sem noção de tempo, espaço.
Todas as cores são intensas. Especialmente as suas.
Os movimentos que acontecem acompanhando o seu corpo
são precisos.
Vejo estrelas que estão num outro tipo de céu.
Outra dimensão? Sei que não, pois posso tocá-las.
Faço questão de percorrer com as mãos tantas quanto posso.

Abro os olhos, sentindo o calor do seu corpo no meu.
Subo o olhar devagar, vejo seus ombros, pescoço,
queixo e lábios entreabertos...
Seus cabelos caem sob seu olhar. Encontro os seus olhos
Estamos no mar.

Passagem de volta

Registro para parar o tempo
Exploro cenas para encontrar
contentamento no agora, mas principalmente
para retornar a ele quando o agora se for.

Viajo no tempo como queira o cientista,
mas sem equações.
Faço a viagem quantas vezes forem necessárias e
não há nada que se possa fazer a respeito.
Registro feito é passagem comprada ao
presente que acabou de passar.



Lais Rocio é jornalista cultural, com dez anos de atuação na comunicação de artistas, festivais e projetos culturais capixabas. Pesquisadora em cultura, memória e identidades de comunidades, e na representação de mulheres na História. Mestra em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal no Espírito Santo, com estágio de pesquisa na Universidade de Coimbra. Escritora, poeta, cronista, dançarina e cantora, nascida na Ilha de Vitória (ES). Viajante do mundo, macumbeira e faladeira, apaixonada por escutar e narrar histórias de vida. Profundamente ligada às águas, ao mar, aos Orixás, às memórias ancestrais e às expressões culturais.

Salto

Nuvem, Ar,
expande o que esteve
espremido aqui dentro,
por tanto tempo,
por milênios
de sufocamento.

Sou o que sou,
porque elas não foram
algo que se perdeu,
preso no espaço,
algo assim
moído no embarço.

Expurgada, estraçalhada,
fui tantas vias, nessa estrada esburacada,
onde muitos alguéns ousaram
pisar,
usurpar,
souberam bem como me usar.

Descobri que me faltava fôlego,
que desejava o salto rasgado,
brusco, solto no espaço.

Saltei no nada,
no mais fundo vazio
me desfaço.
Saltei no sonho,
na poesia,
no frescor da noite fria.
Saltei lá do alto,
do avesso da dor,
da sombra juntei meus tramos.

Foi feio esse salto,
um estardalhaço.
Meu chão e meu céu,
tudo se partiu em estilhaços.
Desmontei-me inteira,
pra nunca mais caber,
pra nunca mais me tecer
nos gastos fios do passado poeira.

Sou o passo
que ninguém me ensinou a dar.
A direção
que ninguém me levou a traçar.
Sou o pão,
que nem o diabo soube amassar.

E depois dessa estranha passagem,
esculpida no ventre
da minha própria linhagem,
pude enfim assombrar
os fantasmas da minha paisagem,
os monstros da vida selvagem.

Instiguei a caos,
mergulhei na escuridão,
no bizarro breu da razão.
Na beleza absurda do caos,
descobri a força do final.
Das mortes necessárias,
da destruição dos canalhas,
das ruínas, das tralhas.

Ressaltei, sobretudo,
a morte das ilusões,
das vazias e belas visões
que paralisam as razões.

Irradieie no esplendor
do infinito.
Eu, múltipla,
impura,
púrpura.

De volta pro vento,
sobreposta no tempo,
achei meu rio
que corre lento.

Decanta o tormento,
desencanta o intento
deságua no mar,
transborda essência singular.
E assim me espalhei a girar.
Que maravilha, a girar...

ÁGUA *aguada*

Alfazema embriaga o ar,
aroma das ervas invade a atmosfera.

É água, é ela,
feita de resgate e novidade,
de silêncios e alardes.
Me alcancei numas tantas viagens.

Entre a Bahia e a Bélgica,
me tornei selva inédita,

Resquícios de gente que me fez humana,
Ana, Maria, fulana, ciclana.

Neta de Dona Cercícia e Seu Gil,
vinda de Dona Marly e de Seu Ninguém,
feita de contradições e poréns.

Cria de gente que já se foi
e ainda tem
uma sede, uma saga,
tanta história que me esmaga,
me sauda e me sacode,
me dá um norte.

Sou transparente e azul anil,
um céu de instantes que nunca se viu.

O antes e o agora,
tudo aflora,
aqui dentro a sede do imenso,
lá fora o gosto do vento,
do intenso movimento.

Mergulhei no mar profundo,
no mais fundo do mundo.
Pacífico, Austrália, Oceania,
na imensidão de corais.
A vista da terra eu perdia,
absolutamente sozinha.

Contemplei a beleza de ser única,
só sua, menina.

Lhe assombra o medo dessa solidão, um dia,
lhe afogar,
isolar,
sufocar.

Mas ainda assim,
some inteira,
imersa,
infinita,
alargada no seu mar.



Mara Coradello é escritora. Publicou romance, livros de contos, crônicas e poesia, entre eles *O Colecionador de Segundos* (2003), *Armazém dos Afetos* (2009), *Escaras e Decúbitos*, *Histórias de Amor Escolhidas ao Acaso*, *A Delicada Alegria dos Dias Comuns* e *Post-its de Carne e Putrefação*. Integrante da antologia *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*, desenvolve uma obra que transita entre o afeto, a memória, o corpo e as delicadas contradições da vida cotidiana.

Última Carta ao Vazio

Me despeço enfim, com esses dois olhos largos e
As gotas finas da chuva
e seus úmidos segredos

o vazio tem costas quentes
a angústia, o temor e o tédio o acobertam

o vazio se apoderou de minha mão em aceno
me perdi na contemplação do adeus
o vazio é uma espécie de ninfa dançando
à beira do abismo
é Poseidon afundando navios
é Hades ardendo num maçarico num dia de janeiro

O vazio me assiste, estou num torvelinho,
Passeio
Numa fina camada de gelo

o vazio é um apelo num quarto caixa-forte à prova de sons

O vazio traz pormenores, a luz fria do celular num rolar infinito
de feed
O diálogo de dois bêbados vindos do mesmo enterro e a mãe
de um aborto
Involuntário.

Cavalo

Fotografar uma estatueta de cavalo é criar outra estátua
ela pensou.
Olhando a força do animal refletiu sobre o quanto seu casamento
estava frágil.
Um passo em falso e iria cada um para um lado
no tropel desenfreado da fuga do tédio.
É criar uma estátua de luz fotografar um cavalo de madeira
e era seu trabalho.
Fotografar era apenas uma brincadeira até pensarem em se separar.
Estava se tornando ganha-pão.

Em casa havia a saudade de tempos idos, quando ainda havia amor.
Eram desertas as vontades, os desejos e as curiosidades
a respeito um do outro.

O amor acaba mesmo quando a curiosidade termina.
Conheceu o escultor do cavalo, uma grande interrogação a tomou.
Um café que se tornara vinho, e ela eu sou casada e ele foda-se.
Foderam numa quarta-feira, às 15 horas, no Hotel Glória.
Glorioso mesmo foi o que ela sentiu, chegou em casa e contou tudo
pensou em selar a separação.

O marido quis saber detalhes, incluindo tamanho de pau.
A curiosidade voltara, enfim.
Viveram felizes e curiosos para sempre.

“Ninguém diz eu te amo como eu”

naquele dia, naquela praia
meu olhar era um incenso dedicado ao seu
eu me liquefazia
me misturava ao mar
e por dentro eu dizia
eu te amo



Mayara Maria, nascida e criada em Vila Velha, é apaixonada pelo mar e pela cultura popular. Faz arte desde criança, escreve, cria, canta e dança. De espírito inquieto, corpo atento e mente desperta, flerta com diversas linguagens artísticas, mas foi no teatro que encontrou a oportunidade de colocar para fora os universos que cultiva dentro de si.

Desde que me entendo por gente, eu frequentava aquela pracinha. Era um lugar especial porque eu passava todas as minhas férias escolares naquela região. Minha avó tinha um sítio ali nas proximidades, que era um verdadeiro parque de diversões. Eu vivi as melhores histórias que uma criança podia viver.

No entanto, havia algo que era extremamente proibido pela minha mãe: encostar na máquina fotográfica. Você deve imaginar o motivo. Também, naquela época, uma máquina era um artigo de luxo.

Como sempre fui muito teimosa, aquele objeto proibido se tornou meu objeto de desejo.

Eu tentava a todo custo. Pedia para segurar quando ninguém estivesse usando, mas dona Carminha não deixava. Eu procurava em todas as gavetas e armários da casa, mas a desquerida guardava a Kodak a sete chaves.

E quanto mais impossível ficava, mais eu queria possuir aquela engenhoca registradora de momentos. Eu estava ficando louca! Sonhava com o dia em que ia poder tirar fotos com ela.

Todas as noites, antes de dormir, eu rezava para que Deus revelasse para minha mãe que era seguro eu pegar a máquina dela. Nada acontecia!

Cada vez que eu tocava no assunto, ela brigava e me ameaçava, dizendo que, se ouvisse mais uma vez esse mesmo assunto, ia me colocar de castigo.

Como eu não parava, fiquei de castigo várias vezes. E ela, em seu único gesto de bondade, me deixava desenhar. E adivinha o que eu desenhava? Máquinas fotográficas! Enquanto desenhava, as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu desenhava e o choro ia borrando os desenhos.

Um dia, na véspera do meu aniversário de 12 anos, estávamos lá na vó, quando meus tios me fizeram a proposta que mudaria a minha vida: um convite para ir à pracinha da igreja. Eu amava aquele lugar. Ao chegar lá, aquele climinha de montanha... o cheiro da mata invadia as minhas narinas. Corri por toda a praça. Me sentia livre.

Em um certo momento, meu tio Tuca me chamou com um grito. Fui até ele. Me entregou uma bolsinha preta que reconheci instantaneamente. Minhas mãos suavam. Era a máquina da minha mãe! Tirei da bolsa quase em câmera lenta enquanto olhava desconfiada nos olhos do tio Tuca. Ele só disse: “Vai!” E eu fui. Me afastei dele e, de longe, tirei minha primeira fotografia. A igrejinha, com a mata ao fundo, meus tios à esquerda, olhando pra foto, e o ângulo meio torto de quem ainda não sabia nada sobre enquadramento.

Hoje sou fotógrafa e rio dessa história. Sem querer, minha mãe me deu uma profissão.

Vermelho-sangue

Desde a infância, o vermelho a acompanhava. Na escolha das roupas, até as cores dos materiais escolares.

“É uma obsessão”, dizia sua avó. Mas isso não a impedia. Vermelho-sangue era a cor de Maria.

Seus cabelos grossos e negros percorriam as costas da blusa enquanto ela corria pelo quintal do velho barraco de tábuas.

Um vizinho muito querido a pegava no colo quando estavam sozinhos e acariciava sua barriguinha e a parte interna da coxa. Maria ria. Ele, se contorcia de alegria.

Nunca mais quis ficar sozinha. Tinha medo de homens. Mas mesmo assim se casou. Um homem diferente, sério, rude, a cortejou. Com a promessa de proteção, Maria aceitou.

De presente, pediu um salto. Queria voar. Aqueles voos livres em que a pessoa se joga no ar. Queria ensaiar a morte. Saber como era morrer sem sentir dor.

O tempo passou. A vida mudou. O casamento esfriou. Maria sucumbiu ao desejo. Conheceu um doutor. Com ele se deitou. O marido descobriu. A matou. Ficou coberta de vermelho-sangue.

Foi assim que terminou.



Nathalia Scardua respirou pela primeira vez em Vitória, em dezembro de 1997, mas a sua vida toda se deu entre Cariacica e Serra. Neurodivergente com diagnóstico tardio, TEA e AH/SD, vem constantemente aprendendo muito sobre si. Formada em Letras pela Ufes, exerceu a docência até pouco tempo. Hoje é estudante de Psicologia e segue outros rumos em sua carreira profissional. A leitura e a escrita sempre fizeram parte da sua vida; entre um livro e algumas coletâneas, tem textos espalhados pelo mundo.

Como onda

Tinha um tempo que tinha se mudado do litoral para o interior. Gostava da vida pacata e do chão de terra batida, mas sentia muita saudade do mar. Gostava das novas amizades e dos dias tranquilos, mas sentia falta de ser um grão de areia na imensidão da cidade grande.

Um dia, caminhando pela praça da pequena cidade e se esquivando de “boas-tardes” que virariam um “vão-lá-em-casa-tomar-um-cafezinho?”, ela descansou o olhar na árvore do canteiro central e sentiu nostálgica a sensação de estar na praia.

A onda do mar em ressaca, quando vinha para ela e voltava pra ele, desenhava na areia aquele mesmo padrão que desenhava o tronco da árvore.

Ela tirou os chinelos e, no chão de terra batida, pôde sentir o ir e vir molhado do mar e a solidão da praia na pracinha — único ponto de encontro da cidade.

Registrou, para não esquecer. Levou a árvore para casa e pôde então se sentir em casa.

Um acidente

Quando toquei no papel
aquele dia
Não imaginava
o tamanho da tragédia

A caneta na minha mão
desenhava palavras
desesperadas

Elas atravessaram as linhas
sem olhar pra
meus sentimentos
desenfreados

Uma confusão
Tanto barulho
que eclodia silêncio

eco

As vozes no papel
sujavam os pensamentos
Feridas abertas
tudo exposto

Foi num piscar de olhos
Falei de mim

A colisão
causou um poema



Tamires Tosi Gêra nasceu em Nova Venécia e, desde menina, desconfia que as palavras sabem mais do que contam. Hoje, aos 34 anos, é escutadora e trabalha como psicóloga e psicanalista, e segue brincando de poeta com seus cadernos começados e escritas mal estacionadas por aí. Catadora de linguagem, faz dos poemas uma di(gestão) improvisada já que a vida não foi feita para ser engolida inteira: nem tudo é absorvido. Nem tudo “cai” bem. Mas quase sempre vira verso.

As Marias de cada uma

Quem é aquela que fica
hora aqui comigo
hora lá na foto?

Ela é MARia.
Com o mar dentro mesmo
Que como as ondas se ia
E voltava como memória

Lembro de Maria
na casa da Rua Rio Pardo,
número 53
naquela casa,
naquela rua,
naquele tempo de criança

Maria ria,
dançava,
pulava,
cantava,
patinava
bicicletava

No chão
como quem e s t e n d i a a brincadeira:
cria
atividade
ch(amava) as amizades
o giz?
na calçada
riscava _____
da cor que mais gostava
amare(linhas)

Lança a pedra
Cai a pedra
Só não cai a imaginação
Um pé, dois pés
Um pé, dois pés
de frutas
verde e de vez
em quando,
Maria olhava para mim

Um dia desses
um lápis no papel,
Desenhou apressadamente
um passarinho,
e, no tempo,
v
o
o
u

Maria migrou
e não tinha medo
O medo?
era meu:
vê-la partir.
Hoje eu fico aqui,
esculpindo as lembranças,
com uma certa cobrança
de não deixá-la sumir

Quem escondeu, escondeu!
quem não escondeu
lá vou eu!
naquela rua,
brincadeiras,
tropeços

ciranda
pisar no chão (de terra)
pular (a)CORDA

Eu des(perto)
an(aliso) o meu sonho
Quem é mesmo aquela que fica
ora aqui comigo
ora lá na foto?
Maria,
Minha infância
Meu eu criança
Que hoje me atr(avessa)
Olha-me de volta
e re-pousa em mim

(em memória de Maria Luisa D. P. S.)
Com afeto para todas as pessoas dessa época e família

Assinatura

mudei de faixa: como quem muda de janela - outra paisagem

mutei os pensamentos: como quem troca o corte do cabelo
- outra roupagem

troquei a senha - como se já não soubessem o que há ali:
minagem

alterei a vida - como quem suspende todas as facetas da
ameaça: rebeldia

(in)confor(margem)
proteção à testemunha

mudei as pessoas
a idade
o nome
a palavra de agora

mudei a forma
o ritmo

mas o espelho:
círculos maiores
ao redor
da mesma pergunta

estou aqui
anterior a este poema
tentando me explicar
em desejo

esse artesão teimoso

não me é estranho
o que só interessa a mim

no corpo
o resto de todos os retornos

o passado
não termina
assenta

e eu, sóbria ou não
recolhida no agora
faço do ato
um lugar onde o ontem
ainda habita

a
ssina
atura



Yasmin Cerqueira é artista visual, educadora e pesquisadora capixaba, criada na Baixada Fluminense (RJ) e residente em Vila Velha (ES). Licenciada em Artes Visuais pela UFES, sua prática articula escrita, pintura e experimentações visuais como processos de criação, atravessados pela memória, ancestralidade e fabulação. Investiga narrativas de reexistência do corpo negro feminino, construindo composições entre imagens, palavras e afetos.

Transmutação. Corpo-Bicho.

sua vestimenta é verde.
como as folhas das árvores.
sua alma amarela.
foi presenteada com o brilho de oxum.

se mascarou de onça.
observadora.
estratégica.
sedutora.
para enfrentar o mundo com coragem.
ser bicho é mais fácil do que ser gente.

seu maior segredo é que sente demais.
tudo.
todo mundo.
todo universo.
se imagina sendo um ser cósmico ultrassentimental.
porque acredita que veio de outro planeta.

seu sonho é viver junto às águas.
em um tempo-outro.
que passa devagarinho.
e talvez se tornar pedra de rio.

É doce morrer no mar

essa mania eterna de olhar para dentro.
caio de cabeça na profundidade do corpo.
o pedaço de carne e osso se dissolve.
há apenas alma.
fluida.

mergulho na imensidão do mar.
as águas me sufocam.
grito.
me desespero.
morro.

afogada dentro de mim.

menina que por muito tempo era apenas menina.

anda se descobrindo moça.

suas bonecas estão todas escondidas em seu baú.

gosta de escutar músicas no seu rádio rosa.

estremece de raiva quando mãe reclama do seu vestido florido.

“esse vestido tá muito curto, garota.”

grita mãe da cozinha.

menina gosta de andar de bicicleta.

adora sentir o vento em suas cabeleiras.

sonha um dia viajar o mundo.

mas morre de medo de avião.

menina, quando se junta com suas amigas, conversa sobre meninos.

supostamente é apaixonada por robertinho.

mas mais tarde irá descobrir seu amor por luizas. claras. alices.

quando vai à praia com seus amigos se conecta com o mar.

se imagina no futuro.

brinca com a areia.

escuta histórias engraçadas dos meninos.

e cria memórias que a tornam.

menina-mulher-senhora.



Zina Leal desenvolve narrativas por meio de memórias e transcrições do inaudível. Mestre em Design de Moda (UDESC-SC), Especialista em Moda e Linguagem (Anhembí Morumbi-SP), Arteterapeuta (FIP-SP) e Artista Plástica (UFES-ES). Oficineira, atuou no SESC/SP e ateliês livres em diversas cidades. Participou de projetos voltados para geração de renda e economia criativa. Capixaba, atualmente, reside no ES e possui ateliê têxtil. Trabalha com tecidos, bordados, desenhos e pinturas, valorizando modos de vida e poesia.

se eu voar

E U V I R A

o vento

sentia o que era brincar

brincar de faz de conta

ser bicho que sabia voar

gaivota do mar?

Fênix

recomeça a voar

quando perde o medo

medo de errar

eu vira... ela sair a voar

E U V I R A

com tantas manias

mania de chorar

mania de amar

saiu a voar

E U V I R A

sofreu de amor

se rasgou por dentro

largou o medo

pariu, se fez mãe

E U V I R A

queria ser doce

foi amarga

se costurou por dentro

cheia de medo do presente

nenhuma linha de futuro

dormiu
acordou
sonhou
tudo era turquesa
turquesa da cor do mar

do mar que há em Euvira
do mar que há em você
das águas que não cabem nos olhos
quando a compaixão chama para a terra

E U V I R A
se fez guardiã de outras vidas
e de tantas mortes
eu vira...
ela saiu a voar

Tempo

olhos com paixão
lente teimosa
olhos brilhosos de Euvira
nada mais eu vira

máquina fotográfica
mundo parado
sorriso de lado, sorriso velado
molhado de desejo

olhos lentes mentes

tempo insano
tempo de amor
tempo de dor

quem vira?
Euvira
eu vira meu amor

esperei Euvira
desejei
Euvira não desejou

com força me atirei sobre ela
com força atirei nela

olhos fotos remorso

eu não sei parar de olhar

Vestido

com olhos de pressa
amontoados na sala
pessoas esperam

não era dia de festa
não era dia de fala

com olhos de medo
parada no meio da vida
minutos antes, Euvira
procurava a casa do vestido

vestido sem botão
vestido sem cor

com olhos de saudade
corpo vazio de histórias
mãos cheias de amor
Euvira não se vira

vestido molhado de amor
vestido coberto de flores
vestida sem dor

A poesia cabe em tudo, é verdade. Mas nem tudo é poesia. A proposta do meu módulo durante as oficinas do projeto “poema na prática” era dizer que o poema tem algo de cálculo. Há necessariamente soma e multiplicação, e é bom que haja divisão.

O problema é quando a poeta confunde a subtração com mutilação. É preciso observar todas as operações matemáticas para que a palavra seja cheia de sentido, e é difícil subtrair-se pra dizer de propósito.

Há quem pense que o poema é sangue ou alguma somatória de coisas internas. Não. O poema é arte, e arte é trabalho. O poema diz de propósito, e pra isso é necessário haver ferramenta, percepção, labor. Marx diz que só se produz riqueza através do trabalho. E eu concordo. Não acredito na dita e louvada arte visceral, que sairia, se existisse, das vísceras para o papel pronta. Não lembro onde li, mas é de conhecimento geral que o que sai das vísceras são gases, bile e cocô.

Para mim, a poesia é uma riqueza. O poema é uma riqueza. A arte é uma riqueza. Foi o que tentei compartilhar, comunista que sou: riqueza. E como vocês podem ver, neste livro ela ficou bem distribuída.

Aline Dias

Realização:

FUNDO DE CULTURA
DO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

